

## ASPECTOS RELEVANTES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA VISÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS DE UMA INSTITUIÇÃO HOSPITALAR

Vanúzia Sari\*  
Silviamar Camponogara\*\*

### RESUMO

No âmbito hospitalar, a educação ambiental pode motivar reflexões e ações, institucionais e profissionais mais responsáveis para com o ambiente, reduzindo possíveis impactos ambientais em suas atividades. Este manuscrito objetivou discutir aspectos relevantes da educação ambiental nessas instituições, com base na visão de seus educadores ambientais. A pesquisa utilizou abordagem qualitativa descritivo-exploratória e foi efetuada entre agosto de 2011 e janeiro de 2012, com um grupo hospitalar do sul do Brasil. A coleta de dados baseou-se em entrevista individual semiestruturada, envolvendo nove indivíduos e foi encerrada por saturação empírica. Os dados foram submetidos à Análise de Conteúdo, originando quatro categorias. A primeira remeteu à discussão da relação entre consumo e meio ambiente; a segunda, abordou a questão dos resíduos dos serviços de saúde; a terceira, tratou das atividades educativas sensibilizadoras, alicerçadas na arte e no vívido, e a quarta, debateu sobre a necessidade de ações permanentes e contínuas de educação ambiental nos hospitais. Recomenda-se que a busca de alternativas para o enfrentamento da parcela de responsabilidade das instituições de saúde na atual crise ambiental perpasse por uma educação ambiental sólida, sensibilizadora e reflexiva, embasada em uma política institucional, que ofereça suporte político, administrativo, humano e financeiro para as ações.

**Palavras-chave:** Meio Ambiente. Educação Ambiental. Enfermagem. Hospitais.

### INTRODUÇÃO

Vive-se um momento em que duas crises, da saúde pública e do meio ambiente, estão convergindo, entre si, ampliando o poder destrutivo de cada uma delas. Os efeitos combinados da mudança climática, da contaminação química e do uso não sustentável dos recursos ambientais agravam os problemas de saúde em todo o mundo, majorando a pressão sobre sistemas de saúde com capacidades já bastante escassas. Ao mesmo tempo, e paradoxalmente, o próprio setor contribui para agravar os problemas de saúde ambiental, representando uma fonte significativa de danos ao ambiente, por causa dos produtos e tecnologias que emprega, dos recursos que consome, dos resíduos que gera e das estruturas que constrói e utiliza. Por conseguinte, colabora, ainda que de forma não intencional, para agravar a crise ambiental, tanto nas etapas prévias como durante e após a prestação da assistência à saúde<sup>(1)</sup>.

Dante disso, os hospitais e os trabalhadores da saúde podem agir de forma a promover o equilíbrio e a saúde ambiental, ao adotarem práticas mais sustentáveis, em termos ambientais e econômicos. Entretanto, “sentir e conviver” com problemas ecológicos não garante, por si só, um reorientar de

práticas ou um agir mais responsável para com o ambiente, seja em sociedade ou nas instituições de trabalho. O enfrentamento de semelhantes desafios e demandas requer um processo de educação ambiental (EA) amplo, que se volte a diferentes espaços e pessoas, integrando saberes diversos, por meio de abordagens também diversas.

Por esse motivo, estudos que busquem investigar o processo de EA em instituições de saúde podem contribuir para a disseminação de práticas sociais mais preocupadas com o equilíbrio ambiental e a sustentabilidade planetária. Este manuscrito teve a sua origem em uma dissertação<sup>(2)</sup> norteada pela seguinte pergunta de pesquisa: “como acontece a EA em uma instituição hospitalar, sob o ponto de vista dos trabalhadores diretamente envolvidos no seu planejar e concretizar?”, e cujo objetivo geral foi “descrever como acontece a EA em uma instituição hospitalar, a partir do ponto de vista dos trabalhadores diretamente envolvidos no seu planejar e executar”. Um dos objetivos específicos dessa dissertação foi a discussão dos aspectos relevantes da EA nos hospitais, assunto abordado nesse artigo.

Nesse sentido, o artigo em questão teve a intenção de discutir os aspectos relevantes da EA em instituições de saúde, com base na visão de seus

<sup>1</sup>Este manuscrito origina-se de dissertação de mestrado intitulada: A educação ambiental em uma instituição hospitalar: possibilidades e desafios (2012 - Universidade Federal de Santa Maria-RS)

\*Enfermeira. Mestre em Enfermagem, Grupo Hospitalar Conceição-RS. E-mail: Nuzia\_sari@yahoo.com.br

\*\*Enfermeira. Doutora em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Maria-RS. E-mail: Silviaufsm@yahoo.com.br

educadores ambientais, no intuito de incentivar o gestar de novos significados (diferenciados, plurais e complexos) para se pensar a relação ser humano-sociedade-natureza nas instituições de saúde.

## METODOLOGIA

O estudo orientou-se pela abordagem qualitativa descritivo-exploratória. Os indivíduos pesquisados foram os trabalhadores de um grupo hospitalar da região sul do Brasil, envolvidos na organização e/ou execução de atividades de EA, tais como: seminários, palestras, encontros, visitas técnicas e dirigidas, atividades circenses e de teatro, exposições fotográficas, momentos de formações locais etc., incluindo integrantes do Núcleo de EA e informantes-chave por eles indicados, totalizando nove indivíduos (enfermeiros, psicólogos, técnicos em segurança do trabalho, técnicos em educação).

O levantamento e a análise dos dados deram-se entre agosto de 2011 e janeiro de 2012. A coleta baseou-se em entrevistas individuais semiestruturadas e foram encerradas por saturação empírica. As entrevistas foram pré-agendadas e realizadas em local reservado, gravadas digitalmente, e posteriormente, transcritas, sendo orientadas pelas seguintes questões norteadoras: 1) O que significa meio ambiente para você? 2) O que você pensa sobre a problemática ambiental? 3) Em sua opinião, como os trabalhadores percebem e agem frente à atual problemática ambiental no ambiente de trabalho? 4) O que você pensa, quando se fala em EA? 5) O que você pensa sobre o desenvolvimento da EA em hospitais? 6) Como você vê a EA nessa instituição? 7) O que você pensa sobre o planejamento e organização da EA desta instituição? 8) Em sua opinião, que repercussões a EA desenvolvida nessa instituição traz para os trabalhadores? 9) O que faz um Núcleo de EA em um hospital?.

A análise dos dados baseou-se na Análise de Conteúdo e foi realizada com o auxílio do software ATLAS.ti®, originando quatro eixos temáticos. Um desses eixos discutiu aspectos relevantes da EA nos hospitais, com base na visão dos educadores ambientais pesquisados, conglomerando quatro categorias, trazidas na sequência.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do grupo hospitalar estudado (Parecer nº 11-127/2011, CAAE-0156.0.243.164-11), cumprindo a legislação específica para esse fim. Todos os entrevistados participaram do

estudo, mediante a leitura, o aceite e a assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo adotado o uso da letra “E”, seguida de um número (1, 2...), para a identificação dos participantes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados dessa pesquisa colocaram em evidência aspectos relevantes da EA, a serem refletidos, quando diante da projeção de atividades e ações desse gênero no âmbito hospitalar. Obviamente, as considerações das categorias não deram conta da amplitude da temática, dada a impossibilidade de se tratar de assunto tão vasto e, ao mesmo tempo, tão recente, em um espaço restrito como o de um artigo científico. Podem representar, todavia, uma contribuição para a discussão e a reflexão.

### **Educação Ambiental: “uma forma de pensar na questão do consumo”**

Esta categoria coloca a EA como uma maneira de questionar e refletir sobre o modelo de sociedade adotado pela humanidade, centrado, essencialmente, no consumismo (não raras vezes alienado) e na ideia do “ter para ser”. Questionamentos estes que não se limitam ao universo do trabalho, mas se estendem à vida privada de cada indivíduo.

Trata-se de uma EA que interroga os limites de uma sociedade insustentável, que consome em excesso e à custa da degradação ambiental. Uma sociedade que identifica o consumo como liberação, felicidade e representatividade social, em que as pessoas procuram novos canais de identificação e autossatisfação, transformando os bens de consumo em sinônimos para tal. Essa relação entre EA e consumo pode ser visualizada nos depoimentos:

[...] não consigo olhar para a EA como sendo o que a gente faz para proteger o bichinho em extinção [...] enquanto a gente não mudar a forma de ver e se relacionar com a questão do consumo, eu não vejo saída [...] (E1).

[...] nós falávamos do consumo, que as pessoas não mandam consertar sua televisão [...] as pessoas ali diziam ‘poxa é mesmo a responsabilidade ambiental’, mas quando for se tratar delas, eu tenho certeza que elas vão botar a televisão delas fora e vão comprar outra [...] (E5).

Esse consumismo enquanto um padrão cultural oferta significado, satisfação e reconhecimento aos indivíduos, a partir do consumo de bens e serviços, os quais são associados a bem-estar e sucesso. Portanto,

prevenir o colapso planetário exige uma transformação desses padrões culturais dominantes<sup>(3)</sup>.

O meio ambiente, por um longo período, foi visto como um útil e inesgotável estoque de recursos para a exploração humana. No entanto, ao se considerar que as pessoas e as sociedades são partes integrantes da biosfera, torna-se urgente a necessidade de se contemplar e gerenciar adequadamente o capital ecossistêmico, ao que convém perguntar se a humanidade possui a compreensão, a sabedoria e a maturidade para ser guardiã desse planeta, em vez de tratá-lo como uma reserva material inesgotável<sup>(4)</sup>.

Nesse ponto, é importante reconhecer que os comportamentos humanos, cruciais para as identidades culturais e para os sistemas econômicos modernos, não são escolhas totalmente controladas pelo indivíduo, na medida em que são, sistematicamente, reforçados por esse paradigma cultural do consumismo. Os homens estão fixados em sistemas que moldam e refreiam seu jeito de ser em um nível quase invisível — afinal, as normas, símbolos, valores e tradições culturais que acompanham o crescimento de uma pessoa tornam-se “naturais” para ela —, associando a maneira como usam o seu tempo de lazer, a frequência com que atualizam o guarda-roupa e mesmo a forma de educar os seus filhos, com a compra de bens e serviços. Contudo, embora pareçam naturais, esses padrões não são nem sustentáveis, nem manifestações inatas da natureza humana, mas padrões apreendidos, estimulados e reproduzidos<sup>(3)</sup>.

Para os pesquisados, pensar em termos de consumo é uma obrigação dos indivíduos e dos governos, sendo indispensável às pretensões da EA nos espaços de trabalho. Perante essa lógica, a EA se propõe a explorar a dimensão do consumo enquanto prática social e cultural complexa, no enredo de despertar o “consumidor responsável” de cada ser; aquele que não se deixa manipular (de todo) pela publicidade e que tem noção do impacto do seu consumo sobre o ambiente. Nesse sentido, ações governamentais, também, devem ser requeridas, para que haja um incentivo a economias mais sustentáveis, ao invés de uma instigação ao consumo como forma de crescimento econômico.

Por isso, a EA precisa ultrapassar o desejo e a preocupação apenas com a preservação do natural e confrontar o homem com a certeza (redundantemente inquestionável) de que está inserido em algo maior, em uma intricada teia de relações, na qual o consumo, tal como se apresenta hoje, concorre para o desequilíbrio planetário. Ao falar de consumo, a meta é não somente

levar as pessoas a consumirem menos, mas também inspirá-las e motivá-las a tecerem esforços em direção a uma mudança social, mobilizando empatia, afeto e vínculo para esse fim<sup>(5)</sup>. Ao falar de consumo, a intenção é (igualmente) ver que:

[...] a EA está aí: despertar o quanto a gente é manipulado, o quanto que nós somos marionetes, o quanto que a gente consome sem consciência, que a gente come o que não deve, a gente compra o que não precisa, então, a minha ideia é que a educação ambiental desperte isso de alguma forma, nuns mais noutros menos [...] (E1).

Esse depoimento fez um convite à reflexão sobre a maneira como a mídia, a publicidade, as empresas e o Estado atuam sobre a cultura mundial, promovendo, incentivando e perpetuando interesses econômicos, ao identificar o consumo de bens e serviços como a “grande” necessidade humana, como resposta às suas demandas existenciais. Essa influência cultural concorre para o enaltecer de uma identidade individualista, já que semelhante satisfação é tida como algo a ser realizado, principalmente, na esfera do privado e do campo familiar, sob o falso aspecto da decisão puramente pessoal.

Diante de tantas mensagens publicitárias professando o consumir como sinônimo de felicidade, ilustra-se a necessidade e o desafio de se tecer uma leitura crítica dos meios de comunicação, sob pena de não se alcançar práticas sustentáveis. Adquirir imunidade contra o seu poder de persuasão é, indubiativamente, um passo extraordinário rumo à sustentabilidade planetária.

#### Educação ambiental: “ela é muito confundida com a questão dos resíduos”

Esta categoria referiu que, nas instituições hospitalares, a EA tem sido atrelada à qualificação em torno da segregação adequada de resíduos, particularmente, em razão de normativas exigindo esse tipo de formação e pela necessidade legal de descarte correto, movida (sobretudo) pela existência de fiscalizações e pelos custos ambientais das inadequações.

De fato, uma série de legislações específicas tem obrigado os serviços de saúde a se adequarem à meta de minimização dos danos ambientais por eles provocados<sup>(1)</sup>, especialmente, no que remete ao gerenciamento de resíduos produzidos, levando-os à adoção de medidas corretas para a segregação, o armazenamento e a destinação final desses resíduos,

além da obrigação de prover o treinamento dos profissionais ali atuantes<sup>(6,7)</sup>.

Não obstante, para os sujeitos dessa pesquisa, as ações ambientais nutridas em “imposições normativas” acabam por direcionar-se mais ao ato de informar e, nomeadamente, para o cumprimento de leis, pouco estimulando a concretização de uma política institucional sólida e incorporada de gestão e EA, que seja realmente capaz de promover mudanças efetivas nos modos de pensar e agir dos indivíduos. Essa leitura foi evidenciada em depoimentos como:

[...] a educação ambiental [...] é muito confundida com a questão dos resíduos, [...] então, é fazer o plano de gestão de resíduos, se eu tenho isso eu estou trabalhando com educação ambiental; então, ensinando onde colocar o resíduo eu estou fazendo educação ambiental (E1).

[...] tem várias coisas para se trabalhar com meio ambiente, não só resíduos, porque, às vezes, a gente se foca, porque eu acho que hoje é quase um desespero [...] isso é o mínimo, isso é atender a legislação; resíduos é o mínimo, mas ainda nós não conseguimos isso (sussurrando). [...] (E3).

De fato, o tema do resíduo desponta para a sociedade, para os gestores e trabalhadores como o problema ambiental “mais visível”, a ser confrontado pelas instituições de saúde, permanecendo em segundo plano as intervenções para: a redução do consumo, a eficiência energética, a construção de edificações mais sustentáveis, a redução da pegada ecológica institucional, entre outras. Encontra-se aí uma justificativa plausível para que as qualificações e formações em serviço fundamentem-se, exclusivamente, em resíduos, já que este parece ser o grande dilema e (quase que) a única reivindicação legal em termos de meio ambiente na área da saúde. Existe, pois, certa propensão dos hospitais a limitar a prática da EA a formações obrigatorias e necessárias nesse tema, pela conjuntura legal e na tentativa de reduzir riscos de acidentes trabalhistas e/ou os custos financeiros, com a disposição final dos rejeitos.

O depoimento na sequência tratou dessa visão:

[...] se preocupava muito com essa questão, por quê? Por causa da multa, por causa da questão financeira, custo! [...] Bom, o custo do tratamento, o custo do acidente com pérfuro-cortante [...] (E3).

Evidentemente, as empresas [o que é válido também para os hospitais, mesmo que não sejam empresas] são impelidas a considerar o arcabouço de imposições legais ao seu funcionamento, relativas ao meio ambiente. Isso, porque os órgãos ambientais oficiais regulamentam, fiscalizam e multam, cobrando

dessas instituições uma postura ambiental orientada para os limites da poluição possível. Entretanto, a EA não pode se limitar à segregação adequada ou à reciclagem. Hoje, ao se falar na política dos 3Rs (reduzir, reaproveitar e reciclar), tem-se dado grande ênfase ao reaproveitar e ao reciclar, esquecendo-se do reduzir do consumo — o grande dilema da sociedade moderna<sup>(8)</sup>.

Obviamente, frente a uma lógica de mercado que pouco leva em consideração a preservação do meio ambiente, o Estado não pode ser o estado mínimo defendido pelo liberalismo, mas o Estado necessário à defesa do meio ambiente, não se eximindo da criação de instrumentos legais que definam as bases de políticas públicas adequadas à gestão ambiental. Sabese, no entanto, que mesmo perante a proposta de uma legislação que vise, por primeiro, à sustentabilidade, esbarra-se em conflitos de interesses privados e coletivos<sup>(8)</sup>.

Dessa forma, deve-se tratar de resíduos no hospital, já que este é um dos dilemas locais e existem muitas dificuldades e falta de conhecimento em termos de segregação, manuseio, armazenamento e descarte adequado<sup>(6,7,9)</sup>, porém não basta “informar” o que vai aqui ou ali, qual o descarte adequado ou por que fazê-lo. Junto à informação precisa estar associada a contextualização e a discussão ética a respeito da necessidade de se minimizar, tanto quanto possível os impactos ambientais das demandas hospitalares e da assistência em saúde. Talvez, até se possa iniciar pela informação, entretanto, muito em breve (se não for possível naquele exato momento) a abordagem tem de ser estendida à ideia de sustentabilidade e à construção de um saber ambiental complexo.

### **Educação Ambiental: “a coisa da sensibilização — Que ela seja provocativa, inquietante”**

Esta categoria buscou despertar, provocar e (re)sensibilizar o indivíduo para a complexidade do meio ambiente, entendendo esse processo como um passo primordial no sensibilizar de coletivos e no estimular de mudanças. Essa prática possibilitaria um reavivar das faculdades de sonhar e das potencialidades para pensar e fazer diferente. Semelhante enfoque esteve presente nos depoimentos:

[...] para as pessoas tentarem despertar um pouco, diminuir a diferença entre o que acontece lá fora e o que acontece com a gente na nossa vida [...] (E5).

[...] mexer com a coisa da sensibilização, da educação mesmo, não do treinamento [...] É nesse sentido que eu

acredito em EA! Que ela seja provocativa, inquietante, que te faça realmente sair da condição de inércia! Se for só para reprodução, bom, ligo a televisão [...] Mas se for para provocar e realmente te inquietar, eu acho que seria, acho não, é extremamente necessário! [...] eu tenho que falar de questões sociais, econômicas, políticas, culturais, religiosas [...] (E6).

Nas instituições de saúde, uma EA no estilo inquietante e provocador tenta cumprir o papel de, num primeiro momento, despertar para o mundo, inserindo o ser no mundo, para então recuperar o humano do humano, sua emotividade, criatividade e sentido de pertencimento a um todo, restabelecendo um caráter de eticidade e, portanto, de responsabilidade para com a imensidão da teia planetária, em sua infinita complexidade.

Sem dúvida, uma EA com tais características ressignifica a conexão do homem com sua “casa”, permitindo e promovendo o autoconhecimento e a abertura do diálogo com o outro e o ambiente, levando à reflexão acerca de escolhas individuais e coletivas, que contribuam para enfrentar e minimizar a problemática socioambiental contemporânea. Assim, compreender as atitudes e valores relacionados ao meio ambiente é o que possibilita aos sujeitos sentir-se no mundo<sup>(10)</sup>.

Essa pode ser a condição necessária à gestação de uma racionalidade ambiental fundada em comportamentos humanos em harmonia com a natureza; em princípios de uma vida democrática e em valores culturais que se traduzam em práticas sociais, éticas e transformadoras<sup>(11)</sup>. Quando se considera que existe hoje uma crise de valores no centro da problemática ambiental, percebe-se que é um papel da educação provocar e inquietar o outro para ser e fazer diferente, o que se sabe “não é uma tarefa fácil”, uma vez que, se fala, aqui, de mudança de uma racionalidade instrumental culturalmente instituída e de transformação de um modelo de sociedade já arraigado.

Diversas atividades, como teatro, exposições fotográficas e de cartunistas, músicas, atividades circenses, drama, filmes, artes, vivências junto à natureza, trabalho com o sensível e os sentidos são formas de desarmar as pessoas, instigar a imaginação, o sentido e a criatividade; reinterpretando valores, conceitos e significados do meio ambiente para o “eu” e para o “todo”.

Trata-se, pois, de uma EA que viabiliza o escutar, o perceber, o sentir e o expressar de emoções e sentimentos para um resgate da sensibilidade e da emotividade do indivíduo e de sua sensação de

pertencimento ao ambiente, cujo exercício pode levar ao enfrentamento da crise ambiental, à estimulação da integração socioambiental, da reflexão, do conhecimento e do diálogo<sup>(10)</sup>. Essa experiência pode ser útil para se convencer uma sociedade cética da importância de transformar o modelo de desenvolvimento dominante em prol da sustentabilidade global<sup>(12)</sup>; despertando o senso crítico e o exercício da cidadania e da corresponsabilidade socioambiental<sup>(13)</sup>; para um aproximar-se do mundo, para estar nele e com ele. Quando o ser humano criar laços de identificação com esse ambiente que integra, será compelido a assumir uma postura ética perante a teia da vida planetária.

Há de se considerar, entretanto, que essa EA deve ser permanente e associada à prática, ou não logrará sucesso, o que diz respeito à próxima categoria.

**“Educação ambiental: ela precisa ser permanente, ela tem que ser trabalhada todos os dias, em todos os lugares”**

Evidencia-se nessa categoria a ideia de que a EA envolve um aprendizado que perpassa toda a vida do indivíduo e continua por intermédio dela. Para os entrevistados, as ações educativas estanques até mobilizam (dentro de suas possibilidades), mas, perante a lógica arraigada e alienada da sociedade de consumo e da sociedade de risco, não chegam a sensibilizar. Com isso, não despontam como transformadoras, mas limitam-se a “apagar incêndios”— os incêndios de normativas e de fiscalizações, os sinistros da redução de custos com destinação final de resíduos ou da diminuição do risco de acidentes de trabalho etc.

Os depoimentos a seguir são demonstrativos desse pensamento:

[...] promover uma palestra, um seminário por ano, não quer dizer nada! [...] a EA precisa ser permanente! [...] tem que ser trabalhada todos os dias, em todos os lugares [...] (E2).

[...] meio ambiente tem que ser trabalho contínuo [...] o hospital tem que fazer sempre [...] se não tiver dentro de uma educação continuada, tu fica apagando incêndio! [...] (E9).

Sem dúvida, quando se considera que os riscos da modernidade, incluindo os ecológicos, são postos “entre parênteses” — e de certa forma não refletidos, não encarados, deixados de lado, deixados para o outro, colocado para longe do “eu” — entende-se a essencialidade de ações educativas de caráter

constante/permanente. Somente nessa condição, a EA poderá instigar, “cutucar” e provocar diariamente, o que é válido, sobretudo, quando os propósitos educativos não são atingidos ou não atingidos de imediato. Por isso, conforme os pesquisados, manter esse processo permanente é uma responsabilidade da instituição.

Além disso, os mecanismos da modernidade de distanciamento tempo-espaco-lugar são muito fortes, de modo que ações esporádicas e desarticuladas de um todo, apesar de ajudarem, atingem os indivíduos muito pontualmente, não sendo capaz de converterem-se em mudanças verdadeiras nos modos de ser e agir (embora haja exceções), por quanto, dificilmente, resultem (para a maioria) em um identificar-se com o contexto ambiental ou um sentimento de pertencimento ao ambiente. Uma EA diferenciada/ressensibilizadora só é viável, quando encarada nessa linha de permanência, sendo firmemente trabalhada e incitada no interior do hospital, como parte de uma política institucional que garanta um arcabouço administrativo, financeiro e legal para a sua efetivação.

Quando a instituição de saúde abraça e hasteia essa “bandeira da sustentabilidade”, incorporando o pensamento sustentável a metas próprias, como um saber a ser construído e consolidado localmente, e não como mero aparato normativo, torna-se possível a adoção de um novo espectro de ação. Diante de uma sólida política institucional há maior disposição para arquitetar e concretizar atividades de EA de caráter permanente<sup>(14)</sup>.

A necessidade de EA constante foi expressa na 1ª Conferência Intergovernamental sobre EA (Tbilisi, 1977) e no Tratado de EA para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (1992), ao reconhecerem que a EA deve dirigir-se a pessoas de todas as idades, a todos os níveis e categorias profissionais, pela educação formal e não formal, constituindo uma aprendizagem permanente e geral<sup>(15)</sup>. A Política Nacional de Educação Ambiental, nessa mesma direção, apregoa ser preciso à inclusão da EA em todos os níveis e modalidades de ensino, com a sua integração às disciplinas de modo transversal, contínuo e permanente. Propõe, ainda, a criação, implementação e manutenção de programas e processos de capacitação profissional sobre a temática ambiental em instituições públicas e privadas<sup>(16)</sup>, incluindo-se, pois, a área da saúde.

Nesse sentido, o hospital deve assumir a sua responsabilidade frente à problemática ambiental e

encarar sua parcela de contribuição para a crise vigente, lançando mão de um processo de educação permanente, sistematizado e abrangente, pautado em reflexão no que se refere a concepções, crenças e valores, na busca de estimular e desenvolver práticas ambientalmente conscientes<sup>(17)</sup>. Sem dúvida, criar tais espaços de reflexão é um passo importante para a mudança de comportamentos, para a melhor compreensão das questões ambientais e para a promoção de um agir mais consciente, por parte dos profissionais da área da saúde<sup>(18)</sup>.

Convém, entretanto, que esse processo educativo esteja relacionado ao real e que seja vivenciado pelos indivíduos, aproximando-se do seu dia a dia, na intenção de tentar despertar maior relação de pertencimento com “aquilo” que os cerca e com o que, na verdade, contribuem para ser como é e estar como está, em termos de meio ambiente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O indispensável resgate da relação homem-meio ambiente exige um envolvimento de todos os campos da sociedade, das escolas às empresas, do meio rural aos ambientes urbanos, do indivíduo, em sua singularidade, ao coletivo social, do privado ao público, dos espaços de lazer aos de trabalho, em busca do que hoje se conhece por sociedade sustentável.

Desse modo, os achados dessa pesquisa indicaram que, em se tratando de instituições de saúde, a busca de alternativas para o enfrentamento da crise ambiental atual perpassa por um sólido e contínuo processo de EA, embasado na concretude de uma política institucional nesse âmbito e em termos de gestão ambiental.

Aponta-se, igualmente, que esse processo educativo não pode ser unicamente um instrumento para a redução de riscos e encargos decorrentes de acidentes ocupacionais, pelo descarte inadequado de resíduos, ou ainda, uma forma de atender a obrigatoriedade legal e medidas técnicas vigentes em torno do meio ambiente. É necessário que ele seja mais amplo, permanente e entrelaçado à prática, que explore a sensibilidade e a emotividade dos indivíduos por meio de atividades artísticas e experiências estéticas com o vivido, mas que também se volte à informação e ao esclarecimento de dúvidas, disseminando conhecimentos para refletir sobre a cultura do consumo.

Esta pesquisa evidenciou, também, que transformações podem ser viabilizadas mediante a

continuidade de ações provocativas e significativas em termos de EA, as quais possam incitar as pessoas, não

apenas a pensar diferente, mas, pensando diferente, a agir diferente.

## RELEVANT ASPECTS OF ENVIRONMENTAL EDUCATION IN THE VISION OF ENVIRONMENTAL EDUCATORS OF A HOSPITAL

### ABSTRACT

Within hospitals, environmental education can motivate reflections and actions, institutional and professional, more responsible towards the environment, reducing potential environmental impacts of their activities. This manuscript aims to discuss relevant aspects of environmental education in these hospital institutions, based on the vision of its environmental educators. The research used descriptive-exploratory qualitative approach, carried out between August 2011 and January 2012, in a hospital group in southern Brazil. Data collection was based on semi-structured interview, involved nine individuals, and closed by empirical saturation. The data subjected to content Analysis, resulting in four categories. The first referred to the discussion of the relationship between consumption and the environment; the second discussed the issue of waste of health services; the third dealt with of educational awareness activities, based on art and lived, and the fourth, debated about the need for permanent and continuous actions of environmental education in hospitals. It is recommended that the search for alternatives to the confrontation of the responsibility of health institutions in the current environmental crisis should be based on a solid environmental education, awareness and reflective; acknowledged by an institutional policy that supports political, administrative, financial, and human actions.

**Keywords:** Environment. Environmental Education. Nursing. Hospitals.

## ASPECTOS RELEVANTES DE LA EDUCACIÓN AMBIENTAL EN LA VISIÓN DE EDUCADORES AMBIENTALES DE UNA INSTITUCIÓN HOSPITALARIA

### RESUMEN

En el ámbito hospitalario, la Educación Ambiental puede fomentar reflexiones y acciones, institucionales y profesionales, más responsables para el ambiente, reduciendo posibles impactos ambientales de sus actividades. Este estudio tiene el objetivo de discutir aspectos relevantes de la Educación Ambiental en estas instituciones, con base en la visión de sus educadores ambientales. La investigación utilizó el abordaje cualitativo descriptivo-exploratorio, y fue efectuada entre agosto de 2011 y enero de 2012, en un grupo hospitalario del sur de Brasil. La recolección de los datos se basó en entrevista individual semiestructurada, involucró a nueve individuos y fue finalizada por saturación empírica. Los datos fueron sometidos al Análisis de Contenido, originando cuatro categorías. La primera remitió a la discusión de la relación entre consumo y medio ambiente; la segunda trató sobre la cuestión de los residuos de los servicios de salud; la tercera sobre las actividades educativas sensibilizadoras, basadas en el arte y en lo vivido, y la cuarta, debatió sobre la necesidad de acciones permanentes y continuas de Educación Ambiental en los hospitales. Se recomienda que la busca de alternativas para el enfrentamiento de la parte de responsabilidad de las instituciones de salud en la actual crisis ambiental, pase por una Educación Ambiental sólida, sensibilizadora y reflexiva; basada en una política institucional, que ofrezca soporte político, administrativo, humano y financiero para las acciones.

**Palabras clave:** Medio Ambiente. Educación Ambiental. Enfermería. Hospitales.

### REFERÊNCIAS

- 1 Karliner J, Guenther R. Agenda global - hospitais verdes e saudáveis - uma agenda abrangente de saúde ambiental para hospitais e sistemas de saúde em todo o mundo. *Rede Saúde Sem Dano*; 2011.
- 2 Sari V. A educação ambiental em uma instituição hospitalar: possibilidades e desafios. 2012. 234 p. [dissertação]. Santa Maria (RS). Programa de Pós-graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; 2012.
- 3 Assadourian E, organizador. Estado do Mundo, 2010: estado do consumo e o consumo sustentável. Salvador: Uma Ed; 2010. p. 3-20.
- 4 Folke C. Respeitando os limites planetários e nos reconectando à biosfera. In: Assadourian E, Prugh T, organizadores. Estado do Mundo 2013: a sustentabilidade ainda é possível?. Salvador: Uma Ed; 2013. p. 19-27.
- 5 Andrews C, Urbanska W. Inspirando as pessoas a ver que menos é mais. In: Assadourian E, organizador. Estado do Mundo, 2010: estado do consumo e o consumo sustentável. Salvador: Uma Ed; 2010. p. 193-200.
- 6 Diaz PS, Soares SGA, Camponogara S, Saldanha VS, Menegat RP, Rossato GC. Waste Management: a descriptive-exploratory study in the emergency room of a teaching hospital. *Braz J Nurs.* [on-line]. 2013 Dec. [cited 2017 Aug 24]; 12 (4): 964-74. Available from: <http://dx.doi.org/10.5935/1676-4285.20134090>
- 7 Pereira MS, Alves SB, Souza ACS, Tipple AFV, Rezende FR, Rodrigues EG. Gerenciamento de resíduos em unidades não hospitalares de urgência e emergência. *Rev Latino-Am Enfermagem* [on-line]. 2013 jan-fev. [citado 2016 Jan 5]; 21 (Spec): 08 telas. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21nspe/pt\\_32.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21nspe/pt_32.pdf)
- 8 Zaneti ICBB. Educação ambiental, resíduos sólidos urbanos e sustentabilidade: um estudo de caso sobre o sistema de gestão de Porto Alegre - RS. 2003. 176 p. [tese]. Brasília (GO): Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília-UnB; 2003.
- 9 Furukawa PO, Cunha ICKO, Pedreira MLG, Marck PB. Characteristics of nursing professionals and the practice of ecologically sustainable actions in the medication processes. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2017; 25: e2909. [cited 2017 Aug. 24]. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.1516.2909>
- 10 Orsi RFM, Weiler JMA, Carletto DL, Voloszin M. Percepção ambiental: uma experiência de ressignificação dos sentidos. *Rev Eletrônica Mestr Educ Ambient*. 2015; 32(1):20-38.
- 11 Leff E. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 9ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2011.

- 12 Curtis DJ, Reid N, Ballard G. Communicating ecology through art: what scientists think. *Ecol Soc.* [on-line]. 2012. [cited 2016 Jan;6]; 17(2): [about 3 p]. Available from: <http://dx.doi.org/10.5751/ES-04670-170203>
- 13 Vasconcelos RFV. Arte e educação: o teatro como estratégia metodológica na sensibilização sobre a problemática da água e educação sanitária ambiental. *Eng Ambient.* 2011; 8(1):36-51.
- 14 Sari V, Camponogara S. Challenges of environmental education in a hospital institution. *Rev Texto Contexto Enferm.* [on-line]. 2014 Apr-June. [cited 2016 Jan 6]; 23(2):469-78. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072014001130013>
- 15 Dias GF. Educação Ambiental: princípios e práticas. 9<sup>a</sup> ed. São Paulo: Gaia; 2010.
- 16 Brasil. Decreto n. 4.281, de 25 de junho de 2002. Regulamenta a Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. Brasília (DF); 2002.
- 17 Camponogara S, Soares SA, Terra MG, Santos TM, Trevisan CM. Nurses involved in management of hospital residues: a descriptive study. *Braz J Nurs.* [on-line]. 2012 Aug. [cited 2016 Jan 6]; 11(2): 289-304. Available from: [http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3621/pdf\\_1](http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3621/pdf_1)
- 18 Camponogara S, Erthal G, Viero CM. A problemática ambiental na visão de agentes comunitários de saúde. *Ciênc Cuid Saúde.* 2013 abr/jun; 12(2): 233-40.

**Endereço para correspondência:** Vanúzia Sari, Rua Francisco Trein nº 596, bairro Cristo Redentor, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. CEP 91350-200. Fone: (51) 33572011. Email: Nuzia\_sari@yahoo.com.br

**Data de recebimento: 10/09/2016**

**Data de aprovação: 30/04/2017**